

Ano 21 • Número 26 • 01 de julho de 2019

A atividade econômica e a geração de empregos nos próximos meses

O acordo com a União Europeia e a agenda da competitividade

Confiança da indústria gaúcha atinge o menor nível desde outubro/2018

Produção recua em maio, mas as expectativas são de melhora

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

A atividade econômica e a geração de empregos nos próximos meses

O Brasil gerou 32,1 mil postos de trabalho em maio/19, o pior resultado para o mês desde 2016, quando foram fechadas 72,6 mil vagas na série não ajustada com as declarações entregues com atraso ao Ministério da Economia. Em maio do ano passado, houve criação de 33,7 mil vagas na série sem ajuste e de 43,1 mil na série ajustada. Dois dos três grandes setores da economia geraram vagas no mês: Agropecuária (+37,3 mil), Indústria (+1,4 mil) e Serviços (-6,6 mil).

No acumulado de janeiro a maio, o País acumula a criação de 351,1 mil empregos, um saldo pior em relação ao mesmo período de 2018 (+417,7 mil). Os três grandes setores apresentaram saldo positivo no período: Agropecuária (+48,9 mil), Indústria (+125,7 mil) e Serviços (+176,4 mil).

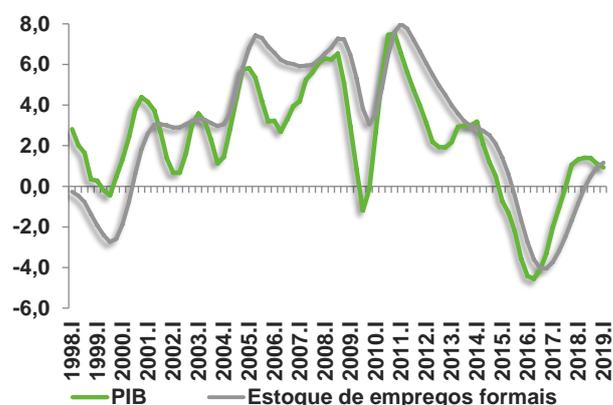
Já no acumulado em 12 meses, o Brasil abriu 474,3 mil empregos. Os três grandes setores apresentaram ganhos, mas chama a atenção o fraco desempenho da Indústria (+7,9 mil), em especial pela perda de 15,0 mil empregos na Transformação. Os saldos da Construção (+13,2 mil), Serviços Industriais de Utilidade Pública (+6,9 mil) e Extrativa (+2,8 mil) evitaram um resultado ainda pior. A Agropecuária (+20,0 mil) e os Serviços (+446,4 mil) geraram mais empregos que o setor industrial nessa base de comparação.

Os números mostram que o mercado de trabalho

refletiu a desaceleração da atividade no primeiro semestre. O Gráfico abaixo apresenta a evolução do PIB e do estoque de empregos formais na economia brasileira. É visível que as séries possuem comportamento semelhante, com destaque para a maior volatilidade da atividade em relação ao emprego.

Uma apuração rápida mostra que, em geral, os picos no emprego são precedidos por picos na atividade. O mesmo ocorre para os vales. Em média, há uma defasagem de 4 meses nos máximos e de 6 meses nos mínimos. Desse modo, em resposta a atividade mais lenta no primeiro semestre, o emprego também deve avançar mais lentamente nos próximos meses.

PIB e Estoque de empregos formais – Brasil
(Variação % acumulada em 4 trimestres)



Fonte: IBGE. Ministério da Economia.

O acordo com a União Europeia e a agenda da competitividade

O Acordo de Livre Comércio entre MERCOSUL e União Europeia pode ser uma oportunidade para o setor industrial brasileiro. Ganhar relevância nos mercados globais não é mais uma questão de opção, mas de sobrevivência. O aumento da concorrência deverá gerar pressão por medidas que melhorem a competitividade.

Primeiramente, é preciso afastar as previsões mais catastróficas. Não há evidências de que esse acordo represente o “fim da indústria” da região, como alguns preveem quando olham para o diferencial de competitividade entre as indústrias das duas regiões. O nível de participação da transformação no PIB parece ter se estabilizado nos últimos anos ao redor de 10% do PIB, num momento em que houve o encarecimento relativo das matérias primas e políticas que levaram à alocação ineficiente de recursos na economia. Portanto, mesmo com o aumento da competição, o posicionamento mais pró-mercado das economias do MERCOSUL poderá beneficiar a indústria.

O Acordo ainda precisa passar pela análise dos ministérios e, depois tramitar em comissões e terá de ser aprovado pela Câmara e Senado. Nos demais países, tramitação semelhante está prevista. A estimativa é que leve cerca de três anos para o acordo entrar em vigor. A expectativa de aprovação no Brasil é positiva, uma vez

que as negociações passaram por diversos governos, o que dá ao Acordo um status de política de Estado.

Além disso, para o setor industrial, os prazos para liberalizar setores sensíveis serão longos, podendo chegar até 15 anos, com abrangência de 90% dos produtos. Por sua vez, a UE liberaliza quase 100% do seu comércio de bens industrializados, sendo que haverá total e imediata liberalização de tarifas para 80% das exportações de produtos industriais do MERCOSUL para a UE. Portanto, possíveis impactos negativos para a indústria brasileira tendem a ser suavizados e o País terá tempo para atacar alguns dos seus gargalos para competitividade do setor.

Acreditamos que, na medida em que os setores e empresas tomem conhecimento dos impactos do acordo para o seu negócio, haverá pressão para que o setor público brasileiro acelere a agenda para a melhor ambiente de negócios. Por exemplo, o momento da divulgação do acordo é oportuno, tendo em vista que estamos discutindo os projetos de Reforma Tributária. Desse modo, a expectativa é que haja ainda mais engajamento da sociedade para a criação de um sistema mais eficiente e moderno.

Confiança da indústria gaúcha atinge o menor nível desde outubro/2018

O Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS), divulgado pela FIERGS, caiu de 57,7 para 55,8 pontos entre maio e junho de 2019. Com esse resultado, o índice acumulou queda de 11,0 pontos nos últimos cinco meses, atingindo, nesse mês, o menor nível desde outubro de 2018. Apesar disso, a confiança se mantém, já que o ICEI/RS segue acima de 50.

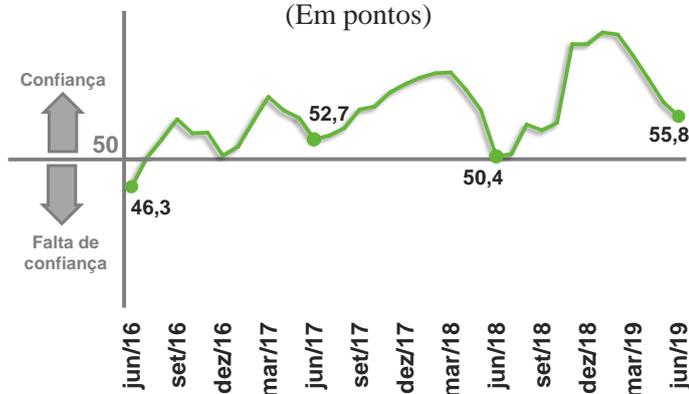
O Índice de Condições Atuais atingiu 48,0 pontos em junho, 2,4 a menos do que maio, queda que, junto com as três anteriores, levou o indicador, pela primeira vez desde outubro de 2018 para baixo de 50 pontos, o que significa piora. O Índice de Condições Atuais da Economia Brasileira recuou de 48,2 para 46,6 pontos. Já o Índice de Condições Atuais das Empresas chegou a 48,6 pontos em junho, voltando a sinalizar piora após seis meses seguidos de avaliações positivas.

Da mesma forma, os indicadores de expectativas para os próximos seis meses em junho mostraram recuos nos últimos cinco meses, mas continuaram acima de 50 pontos, revelando otimismo. O Índice de Expectativas caiu de 61,3 em maio para 59,7 pontos em junho de 2019. Desde que atingiu seu recorde histórico em janeiro deste ano, o índice perdeu 12,5 pontos, puxado pela redução de 15,4 pontos do Índice de Expectativas da Economia Brasileira, que chegou a 56,6 pontos. Aos 61,2 pontos, o Índice de Expectativas sobre a empresa segue a mesma tendência: perdeu 11,0 pontos no período, sendo 1,9 em relação a maio.

A frustração com a desaceleração da economia brasileira, o cenário externo adverso e as incertezas políticas, juntamente com o ajuste dos excessos pós-eleições, resumem o cenário que levou à redução na confiança da indústria gaúcha nos últimos meses. Os empresários avaliam que o conjunto de ações do novo governo ainda não surtiu os efeitos esperados de levar a uma retomada mais intensa do setor, que sofre com a demanda insuficiente e a ociosidade elevada.

Apesar de todas as dificuldades, as expectativas dos empresários gaúchos apontam para uma evolução positiva da indústria nos próximos meses. Com a menor incerteza sobre a reforma da Previdência, a confiança pode voltar a crescer, abrindo algum espaço para os investimentos e dando algum fôlego para a atividade industrial e a geração de empregos.

Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS (Em pontos)



Fonte: FIERGS.

Produção recua em maio, mas as expectativas são de melhora

A Sondagem Industrial do RS de maio, realizada pela FIERGS, mostrou um cenário pouco favorável para a indústria gaúcha: produção e emprego em queda e ociosidade e estoques em alta. As expectativas dos empresários gaúchos, contudo, seguiram positivas para demanda, sinalizando melhora para o setor nos próximos meses, mas sem geração de emprego e com baixo nível de investimentos.

O indicador de produção atingiu 49,1 pontos no mês, praticamente o mesmo valor do mês anterior (49,3 pontos). Já o indicador de número de empregados mostrou que a retração do emprego em maio (47,5 pontos) foi maior do que a verificada em abril (48,4 pontos). Os indicadores variam de zero a 100, com valores abaixo de 50 pontos representando queda em relação ao mês anterior.

A utilização de capacidade instalada (UCI) em relação ao usual também mostrou um quadro de maior ociosidade no mês. O indicador caiu de 45,2 pontos em abril para 41,0 pontos em maio, o menor nível desde maio do ano passado. Abaixo de 50 pontos, o índice mostra que a UCI ficou abaixo do usual para o mês. Já o grau médio de UCI foi de 68,0% em maio, 1,0 p.p. abaixo do registrado no mês anterior e 1,7 p.p. menor que a média histórica do mês.

Outro resultado negativo no mês foi o acúmulo de estoques. O índice de estoques em relação ao planejado ficou em 52,8 pontos em maio. Lembrando que o nível neutro é de 50 pontos e valores acima deste patamar indicam estoques acima do planejado. Desde fevereiro de 2019, a indústria gaúcha registra excesso.

A Sondagem revelou que as expectativas dos empresários gaúchos pouco se alteraram de maio para junho e continuaram mostrando uma tendência positiva para o setor no segundo semestre, com o indicador de demanda passando de 55,9 para 55,7 pontos no período. Números acima de 50 indicam expectativa de crescimento. O indicador de expectativas de compras de matérias-primas passou de 54,1 para 53,2 pontos e o de exportações caiu de 54,6 para 52,8 pontos. A exceção foi o emprego. O indicador de número de empregados continuou abaixo dos 50 pontos, passando de 49,0 pontos em maio para 49,5 pontos em junho.

Por fim, depois da forte queda em maio, a intenção de investir da indústria gaúcha teve uma ligeira melhora na passagem para junho. O índice cresceu 0,4 ponto para 49,0 pontos, muito próximo da média histórica do índice (48,8), que é baixa. Neste indicador, que também varia de zero a 100 pontos, quanto maior o resultado, maior a intenção de investir do empresário.